

MOSAICO ⁵⁰ inform

INFORMAÇÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS
E O TRABALHO DO MOSAICO | INSTITUTO PARA A CIDADANIA



CULTURA E GÊNERO



Estórias da história – Pág. 08
EFUNDULA E EFIKO



Construindo – Pág. 10
CULTURA = TRANSFORMAÇÃO



Entrevista – Pág. 14
CRISTÓVÃO KAJIBANGA



MOSAÍKO inForm

FICHA TÉCNICA

PROPRIEDADE

MOSAÍKO | Instituto para a Cidadania

NIF: 7405000860

Nº DE REGISTO: MCS – 492/B/2008

DIRECÇÃO

Júlio Candeeiro, op
Pedro Ouana, op

SUPERVISÃO

Verónica Pereira

REDACÇÃO

Mandele Rocha
Sara Kambinga

IMAGEM DE CAPA

Mosaiko

COLABORADORES

Sara Kambinga
David Nahenda

ARTE GRÁFICA

André Cupessala

CONTACTOS

Bairro da Estalagem - Km 12 | Viana
TM: (00244) 912 508 604
TM: (00244) 929 775 815
Caixa Postal 2304 - Luanda | Angola
E-mail: mosaiko@mosaiko.op.org
www.mosaiko.op.org
www.facebook.com/MosaikoAngola

IMPRESSÃO

Imprimarte – Artes gráfica

TIRAGEM: 2500 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Os artigos publicados expressam as opiniões dos seus autores, que não são necessariamente as opiniões do Mosaiko | Instituto para a Cidadania.

COM O APOIO

MISEREOR
• IHR HILFSWERK



NORWEGIAN CHURCH AID
actalliance

índice

MOSAÍKO INFORM Nº 50 - MARÇO 2021
TEMA: CULTURA E GÉNERO

- PÁG. 03 *editorial*
Que sociedade civil queremos?
- PÁG. 04 *informando*
A cultura dos homens contra as mulheres
- PÁG. 08 *estórias da história*
Efundula e Efiko
- PÁG. 09 *figura em destaque*
Hadjia Idrissa Bah
- PÁG. 10 *construindo*
Cultura = Transformação
- PÁG. 14 *entrevista*
Cristóvão Mário Kajibanga
- PÁG. 18 *reflectindo*
Ser mulher, ser africano
- PÁG. 20 *notícias*
Novas narrativas

“ A IGUALDADE DE GÉNERO É MAIS DO QUE UM OBJECTIVO EM SI. É UMA PRÉ-CONDIÇÃO PARA ENFRENTAR O DESAFIO DE REDUZIR A POBREZA, PROMOVER O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E CONSTRUIR UMA BOA GOVERNANÇA ”

Kofi Annan



editorial

Que sociedade civil queremos?

Júlio Gonçalves Candeeiro, *op*
Director Geral

Fotografia: ©André Cupessala

Estimado leitor/a

Muito do que fazemos e somos, é condicionado por este traço identitário que diferencia homens e mulheres: o Género. Padrões e papéis socialmente, construídos para um determinado sexo levando a que as sociedades sejam estruturadas, seguindo uma atribuição de funções exclusivas e especificamente para homens e/ou mulheres.

O Censo de 2014 revelou-nos um País composto, maioritariamente por mulheres, mas a nossa sociedade ainda é marcada pela desvalorização da mulher com instituições de socialização que promovem e reforçam injustiças contra a mulher.

Esta edição 50 do Mosaiko Inform procura abordar a problemática do Género com um olhar sobre questões consideradas naturais/imutáveis e que perpetuam actos contra a dignidade humana.

No Informando analisam-se vários elementos que reforçam os estereótipos de género, evidenciando particularidades no domínio da vida social, económica e política que normalizam a exclusão da mulher dos espaços de decisão sobre o rumo do País.

Hadja Idrissa Bah é a “Figura em destaque” pelo exemplo de luta contra uma das piores formas de abuso contra a dignidade da mulher: a mutilação genital feminina.

Em entrevista exclusiva ao MI, Mário Cristóvão Kajibanga traz em relevo o “spectrum” do diálogo/convivência entre a Constituição e a cultura e o que leva este homem da cultura a elevar a supremacia da Lei Magna sobre as práticas e manifestações culturais.

A fechar, no Reflectindo testa-se a empatia do leitor homem, estabelecendo um paralelismo entre a mulher e o africano, levando-o a reflectir sobre os pré-conceitos relacionados com África, a exclusão e a desvalorização perpetuada pela construção global que é feita sobre o continente.

O ser humano faz a cultura e é moldado por ela, é altura de reavaliarmos hábitos e costumes que limitam ou inviabilizam o acesso aos direitos humanos e às liberdades fundamentais. É urgente reconstruir estes conceitos sociais até porque o Género não é nem pode ser eterno.

Boa leitura!

VISITE O NOSSO CANAL DO YOUTUBE | [MOSAICO_INSTITUTO PARA A CIDADANIA](#) E SUBSCREVA!

Mosaiko_ Instituto para a Cidadania

INÍCIO
VÍDEOS
PLAYLISTS
CANAIS
SOBRE

Playlists criadas

Conferência Internacional sobre Género e Políticas Públicas
Mosaiko_ Instituto para a Cidadania
GÉNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS #1 - NÃO DEIXAR NINGUÉM PARA TRÁS #Género#DireitosHuma... • 10:57
GÉNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS #4 - ... DIREITOS CIVIS PARA AS MULHERES | ANGOLA E BRASIL... • 10:05
[VER PLAYLIST COMPLETA](#)

Envios ▶ [REPRODUZIR TODOS](#)

Biblioteca Mosaiko
Nenhuma visualização •

BELA - #PauloFlores #Mosaiko #Participação...
4:40

GÉNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS #8 - JUSTIÇA...
8:24

GÉNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS #7 - ABUSO...
10:04

GÉNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS #5 - MULHERES...
10:01

GÉNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS #4 - ... DIREITO...
10:05

informando

A CULTURA DOS HOMENS CONTRA AS MULHERES

A cultura é usada para perpetuar o privilégio de um sobre o outro, tida como imutável, normaliza e induz a violência contra a mulher.

Os hábitos e costumes culturais e/ou tradicionais impõem regras ou normas sociais que sobrepujam qualquer lei. Em sociedades como a Angolana, os direitos fundamentais das mulheres são violados, apesar de uma constituição teoricamente igualitária e das intenções políticas de observância de direitos humanos universais. E convive-se ainda com costumes e tradições que legitimam o controlo, a manipulação e a exclusão das mulheres.

A rotina não é interrompida quando uma menor é obrigada a casar com o estuprador, não há qualquer comoção quando uma mulher é espancada pelo marido. Não é divulgado o número de mulheres assassinadas pelos parceiros, não há dados estatísticos que permitam analisar este fenómeno, pelo contrário, há resistência em reconhecê-lo...

Afasta-se o raciocínio lógico que denuncia a estrutura patriarcal, como geradora de desequilíbrios, injustiças e de violência contra a mulher. O sistema patriarcal branqueia a violência, instiga comportamentos que perpetuam costumes que tornam a mulher num ser subumano.

As evidências estão por todo o lado, mas são invisibilizadas. As mulheres acarretam a água, cuidam da casa, dos filhos, dos idosos, vendem, lavram e no final do dia, seja pela terra batida ou pelo asfalto, regressam a casa com os mantimentos para alimentar a família, a rotina não muda. Só ou acompanhada, quem carrega sempre o fardo, é sobretudo a mulher.

O patriarcado protege e privilegia o homem, definindo papéis distintos que limitam a actuação da mu-



Fotografia: ©Ae Cupessala

“Os costumes e tradições normalizam o controlo, a manipulação e a exclusão das mulheres”



Fotografia | © Hermenegildo Teotónio

Iher enquanto ao homem são atribuídos mais direitos e liberdade. O género é uma construção social que molda o mundo de forma a “legalizar” as vontades e normalizar os desejos do homem, instituindo hábitos, costumes e culturas que desumanizam a mulher. As evidências históricas demonstram que a violência e discriminação só são reais quando o homem é o alvo e só assim, ele é capaz de lutar contra o racismo, injustiça social, ditadura, escravatura, colonização... Mas não reage ou assume a mesma postura quando o alvo da violência e discriminação é a mulher.

Oficialmente invisíveis

A mulher ou não é cidadã de todo ou é cidadã de segunda. A mulher, como produto da educação patriarcal, é ensinada a não sair de casa, a dedicar-se quase exclusivamente aos afazeres domésticos, desincentivada a avançar nos estudos e como resultado, não tem formação nem profissão, o acesso a informação é limitado e também desestimulado. Não atribui qualquer relevância ou utilidade ao bilhete de identidade, porque também é instruída a não se considerar como ser pensante e actuante numa sociedade que restringe-lhe desde cedo, o acesso a emprego qualificado, mas também que não a ouve nem conta com a sua opinião... Em Angola, há milhares de mulheres sem bilhete de identidade e muitas morrem sem saber ao certo a sua própria idade.

Contribuidoras ignoradas

Mulheres devidamente documentadas, instruídas e até profissionalizadas são, frequentemente, desconsideradas ou infantilizadas. A lei é omissa quanto a evitar diferenças salariais baseadas no género, as políticas públicas ignoram milhares de trabalhadoras informais sem qualquer protecção social que sustentam a maioria das famílias. E este é um facto incontornável e publicamente reconhecido, a mulher poderia ser considerada “o petróleo” das famílias Angolanas é, portanto, o activo mais significativo para a economia do país, mas apesar do colapso que poderiam provocar, caso saíssem de Angola, não existem estímulos reais para que as mulheres desenvolvam e potenciem mais as suas capacidades.

*“A mulher
é o activo mais significativo
para a economia do país”*

As camponesas tem menos acesso a instrumentos agrícolas, sementes, informação e formação técnica que é, maioritariamente, dirigida aos homens. Lavram terras regadas pela chuva, colhem para alimentar a família, vendem nos mercados, mas o rendimento do seu trabalho, o homem convencionou que é gerido pelo marido. Simultaneamente, lavram as terras irrigadas do marido, colhem os frutos e o que sobra da venda a retalho só ela vende no mercado, na praça ou na rua porque a venda desprestigia o homem e só as mulheres executam essa tarefa, desvalorizada socialmente. Nestas circunstâncias, o rendimento da venda também é entregue ao marido.

São escassas ou mesmo inexistentes, políticas públicas que dignifiquem a camponesa, garantindo protecção social, formação específica ou qualquer reconhecimento social ou remuneratório.

Além do trabalho fora de casa, todas as mulheres fazem várias horas diárias de trabalho doméstico que não é reconhecido nem remunerado. O homem convencionou que o trabalho doméstico é obrigação exclusiva da mulher, marginalizando e punindo quem pensa ou faz o contrário.

Expropriadas sem lei

A lei teoricamente é inclusiva, mas é enfraquecida pela tradição que legitima a expropriação e roubo de viúvas e permite que ela e os filhos sejam despejados da sua própria casa.

Segundo o costume as mulheres podem até ter bens, desde que não sejam elas a geri-los, essa tarefa é exclusiva do homem. A filha recebe cabeças de gado à nascença, quem controla é o pai, quando atinge a idade de casar o seu gado passa para a gestão do marido. Quando este morre, a mulher fica sem nada e é abandonada com ou sem filhos. E mais uma vez, os casos revelam que a lei sucumbe perante a tradição.

“Não existem políticas públicas que dignifiquem a camponesa, garantindo protecção social, formação ou qualquer reconhecimento”



Violadas pelo costume

As tradições são boas e devem ser mantidas quando não violam os direitos humanos. Contudo, a interpretação do direito e dos direitos humanos varia de acordo com o género. É por isso defendido, pelos homens sobretudo, que se mantenham costumes como Lundular, a viúva é obrigada a casar com o cunhado e outras tradições que permitem que meninas virgens sejam desfloradas pelos tios.

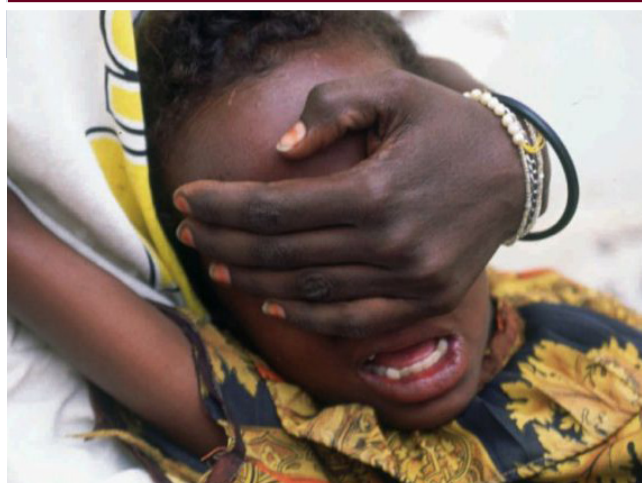
A interpretação da lei também é atingida pelo costume, o código da família, por exemplo, não diz explicitamente que as relações sexuais no matrimónio são obrigatórias, mas a cópula é entendida como dever conjugal e a ausência de relações sexuais, pode justificar o divórcio. Subentende-se que esta obrigatoriedade pesa mais sobre a mulher do que o homem, por serem sexualmente diferentes e biologicamente, manifestarem impulsos e estímulos distintos.

Cultuar o homem

O sistema patriarcal usa a crença para reforçar o seu domínio. A prática da religião mantém o homem no controlo. Os símbolos, hierarquia, rituais são masculinizados. A mulher é penitenciada pela sua existência, reprimida pela sua fisionomia e rejeitada pela sua natureza. A divindade é máscula, absolve e sacraliza o homem, mas profana e sujeita a mulher.

“Perpetuar uma cultura que viola, invisibiliza e mata, só pode ser considerado crime”

A religião influencia o conceito social de mulher e do seu corpo, ditando que é a personificação da sedução, a tentação que induz o homem ao pecado. Desresponsabiliza-o enquanto ela é a provocadora. Por isso, a mulher tem que ser silenciada, o seu corpo tapado, camuflado. Diante da natureza feminina, o ho-



Fotografia: ©DR

mem fica indefeso, sem auto-domínio. E é essa perspectiva que absolve socialmente o adultério, abusos e violações sexuais perpetrados pelo homem.

Insistir em perpetuar esta cultura que viola, invisibiliza e mata, só pode ser considerado crime, tal como o é a escravatura, o holocausto ou o apartheid... Nestes casos, o mundo reagiu, criando mecanismos que podem prevenir ou até, evitar, reimprimindo novas formas de estar e de pensar. Este processo de transformação mudou costumes, cultura e hábitos, mas fundamentalmente, salvou vidas. ●

Texto: Mandele Rocha

estórias da história

EFUNDULA E EFIKO

Os rituais de iniciação são comuns em qualquer geografia e por isso, a maioridade é um marco assinalado das mais variadas formas.

Em Angola, o Efundula e Efiko, por exemplo, são dois rituais iniciáticos femininos que, hoje, podem e devem ser reinterpretados à luz dos direitos humanos, liberdades e da evolução social.

Efundula é a festa da puberdade da tribo dos Cuanhamas e dura cerca de quatro dias. No segundo dia, o pai de cada rapariga mata um boi e dá a beber uma cerveja em que misturou o esperma de um homem circunciso, esta bebida é exclusivamente consumida pela menina, por se considerar que favorece o seu futuro enquanto mãe.

Além disso, ao sair da cabana, onde se realiza o cerimonial, as meninas têm que passar uma a uma, por entre as pernas do homem circunciso, que também é o mestre de cerimónias.

Entre os Humbes e Nhanekas, a celebração do efiko é individual, uma mulher tem o papel de cerimóniária, acompanhada por um homem que ao lançar o giz ritual na cabeça da candidata, grita: Lilili! Wafikala! (Passaste a ser núbil).

Os homens, se necessário, exercem a força para que a menina termine com sucesso o ritual, nesta fase não são permitidas obscenidades. As mulheres mais velhas, cantam: Ongolo yapunda k'emanya (a zebra feriu-se numa pedra), emanya lyabunda omutemo (a pedra produziu o lume).

Num dos subgrupos dos Humbes, destaca-se o Okufetwa, as meninas vão tomar banho ao rio e os rapazes aproveitam para forçá-las a sair e entrar nas barracas onde elas têm de passar a noite. Se forem, entretanto violadas, são castigadas a ouvir insultos grosseiros que são proferidos publicamente. ●



Fotografia: ©cerimónia efiko | Geração X

“Se forem violadas são castigadas a ouvir insultos grosseiros que são proferidos publicamente”

Texto: *David Nabenda*

figura em destaque

HADJA IDRISBA BAH

“A VOZ CONTRA A MUTILAÇÃO”

É uma jovem que perante atrocidades e violações várias, quebrou o silêncio pelos direitos das mulheres e raparigas da Guiné Conacri.



Fotografia: ©chancellinemevowanou.com

*“ Quando alguém fala sobre a mutilação, sinto-me impotente e tenho medo
– é uma coisa que me consome ”*

Nasceu em Agosto de 1999. Aos 13 anos, foi eleita representante do Parlamento Infantil Guineense de Ratoma, uma comuna que a viu nascer em Conacri. Estudou Ciências Políticas por um ano, na Universidade de General Lansana Conté, antes de se matricular na faculdade de direito da Universidade de Sorbonne, em Paris.

Bah pertence a uma cultura onde as mulheres não têm voz, mas movida pelo sentimento de injustiça, ainda adolescente, decidiu quebrar o silêncio que perpetuava no seio familiar e dedicar-se à luta contra a mutilação genital, falando a favor das raparigas da sua faixa etária.

“Em muitas comunidades, cosem inclusive os lábios genitais, que são depois rasgados na noite de núpcias”

Apesar de proibido, o ritual está generalizado. De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), 97% das mulheres na Guiné-Conacri são circuncidadas. “Em muitas comunidades, cosem inclusive os lábios genitais, que são depois rasgados na noite de núpcias”, explicou Hadja Bah que fundou uma organização para informar e prevenir o sofrimento da mutilação genital.

Com o seu activismo, Bah ganhou visibilidade e participou de vários debates sobre os direitos das mulheres. Em 2019, foi seleccionada como uma das 57 jovens de língua francesa de todo o mundo, que se reuniram para o programa Lab Citoyen para discutir os direitos e a igualdade das mulheres.

Em Março de 2020, foi convidada pelo presidente francês, Emmanuel Macron, para debater os direitos das mulheres, juntamente com a diretora executiva da ONU, Phumzile Mlambo-Ngcuka, o romancista sírio, Samar Yazbek e a ex-ministra das Relações Exteriores sueca e comissária europeia, Margot Wallström, entre outras notáveis activistas dos direitos das mulheres. ●

Texto: *Sara Kambinga*

construindo

CULTURA = TRANSFORMAÇÃO

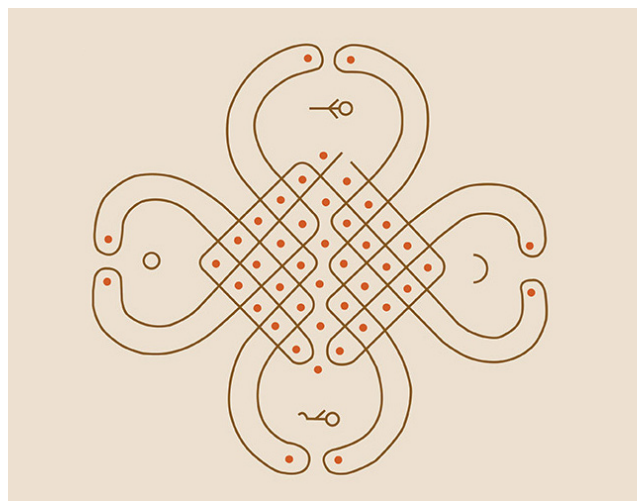
Não há nada mais desestabilizador do que iniciar uma reflexão com o pressuposto de mudar uma cultura, seja ela qual for...

A ideia de que cultura não se muda e tem que ser preservada intacta, foi propositadamente enraizada para não dar espaço à racionalidade que permitiria com naturalidade, evitar absolutismos, fanatismos e discriminações.

Aliás, para consolidar a cultura, optou-se muitas vezes por reprimir a reflexão, a razão e o conhecimento, vistos como inimigos à coesão e corrosivos ao sentimento de pertença que algumas culturas necessitam para sobreviver.

Problematizar a cultura passa, necessariamente, por procurar definições ou tentativas de justificar a existência e razão que evidentemente não são consensuais, nem poderiam ser, se o que se estuda: a cultura é permanentemente influenciada e influencia, tornando-se assim, um processo complexo de transformação contínua.

Outra questão relevante é a origem. No livro “Cultura: Um Conceito Antropológico”, o autor Roque de Barros Laraia, pontualiza a passagem do ser humano de um estado animal para o estado humano, quando começa a usar o cérebro para gerar e reconhecer símbolos, criar códigos de linguagem para comunicar e assim, transmitir ensinamentos entre a sua espécie.



Fotografia: Lusona: história dos tchokwe para o princípio do mundo ©DR

Esta interação materializou-se rapidamente em estruturas de organização social, atribuindo funções e papéis distintos, definindo regras que vertiam claramente expectativas e ideais, sem no entanto, tornar claro os reais objectivos de dominação. Sem esquecer que o ser humano não deixou de ser um animal e que instintivamente precisa manter uma relação adaptativa com o meio que o rodeia para sobreviver.

Nessa perspectiva e ainda segundo Laraia, os pressupostos ideológicos dos sistemas culturais também podem ter resultados adaptativos no controlo da população, da subsistência e manutenção do ecossistema.



Fotografia: © blog.zukese.com

TENTAR DEFINIR CULTURA

LATIM: colere significa cultivar, colher, culto (tanto o adjectivo quanto o substantivo), tudo aquilo que requer esforço humano para transformar em oposição ao encontrado na natureza.

► **Latim:** cultūra, ae 'acção de tratar, venerar.

► **Cultura** é tudo o que recebemos, transmitimos ou inventamos.

► Tudo o que o ser humano acrescenta à natureza e por conseguinte, a si próprio.

► **Cultura** é a natureza materializada, objectivada, concretizada seja por ordem física, não-física, material ou espiritual.

► A cultura como um todo é uma resposta às necessidades totais da sociedade que a produziu.

► A cultura é resultado de complexos padrões de comportamentos – costumes, usos, tradições, hábitos – mas também um conjunto de mecanismos de controlo – planos, regras, instruções – para orientar o comportamento.

► A cultura é aprendida não é biologicamente herdada ou inata, requer endoculturação

“A cultura é permanentemente influenciada e influencia, tornando-se assim, um processo complexo de transformação contínua”

Mundo recriado

As pessoas são moldadas segundo a forma que a cultura lhes dá. A cultura não resulta de um acto irreflectido, é uma projecção humana e isto contraria a percepção de que cultura é algo natural e portanto, não é fabricada... O homem é o produtor de todas as culturas existentes e das que ainda estão por vir.

De acordo com Laraia, a cultura condiciona a visão do mundo, interfere na existência física do ser humano, opera com uma lógica própria, mantendo-se dinâmica, ainda que possa ser influenciada por padrões culturais que evidenciam valores diferentes das formas de comportamento, aprovadas num contexto cultural que determina os conhecimentos predominantes, as ideias estabelecidas, crenças admitidas, as normas aceites, valores e condutas específicas...

Esta recriação ajustada às necessidades de um grupo em detrimento de outros grupos, resultou obviamente, em desequilíbrios muito difíceis de corrigir porque a cultura constrói-se e consolida-se com pensamento empírico que procura respaldo para sobreviver e estruturar-se.

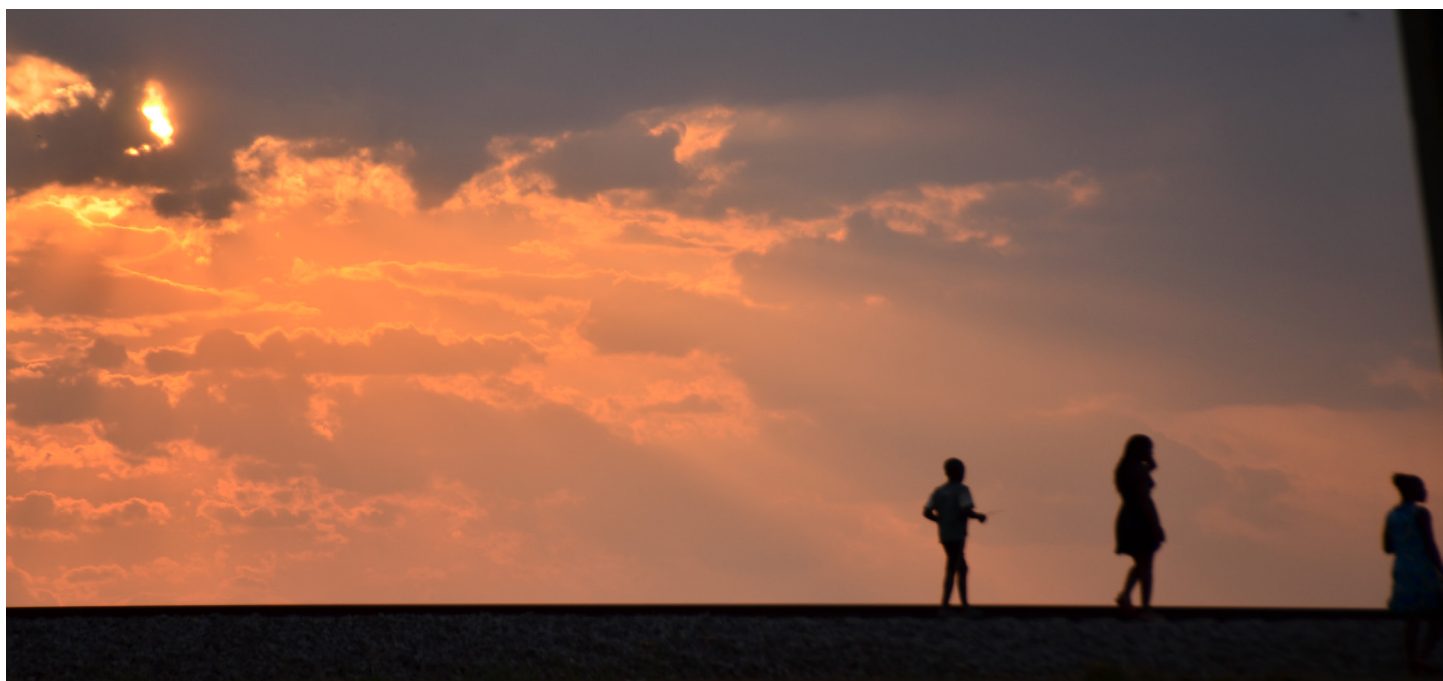
Por isso continua a ser quase impossível desconstruir e erradicar totalmente o racismo, por exemplo. No século XIX, a invenção de raças superiores e inferiores, suportada pelas teorias de Darwin

(“A origem do Homem” de Charles Darwin) e pelas descobertas sobre a herança genética de Mendel, Pasteur, Lister... Juntou-se às pressões políticas e económicas para alimentar o “ódio racial”.

A raça passou a ser considerada um factor determinante de toda a vida humana, da cultura, da capacidade intelectual, da actividade psicológica, da vida em sociedade, etc. Muito embora, outros estudiosos e cientistas da época, refutassem que “não há base científica para uma classificação de raças numa escala de superioridade e inferioridade”.

O facto é que gerou-se um ambiente em que quem discrimina cria a justificação moral para o fazer e quem é discriminado, é levado a aceitar essa condição sem contestação. Racionalmente, é até fácil argumentar e enumerar várias provas científicas que destronam o racismo, no entanto não são suficientes por sequer beliscarem as construções intrínsecas que se consolidaram ao longo de séculos e moldaram social, política e psicologicamente o mundo.

As pessoas não diferem no seu equipamento biológico, mas sim cultural. E o ser humano não é um mero componente da cultura, “é o criador da cultura que modifica, acrescenta e transforma, consoante as circunstâncias históricas, tecnológicas e ambientais” in “Introdução à Antropologia Cultural” de Augusto Lima, Benito Martinez e João Lopes Filho.



Transformação cultural

O que é mais premente? O facto de se querer mudar ou a razão de não mudar? Se existem hábitos que se cristalizaram no tempo, outros sofreram alterações drásticas ou desapareceram e o que determinou essa transformação foram, sobretudo, as más experiências, atrocidades, genocídios, ditaduras, violações...

O ser humano, o criador de todas as culturas, quando quis, alterou costumes enraizados e hábitos tidos como identitários para alcançar a melhor versão de si mesmo. Veja-se por exemplo, as mudanças que as novas tecnologias provocaram e como alteraram profundamente a forma de ser, estar, pensar e ver o mundo.

Por outra, ao invés de seguir o argumento de querer mudar isto ou aquilo, será importante questionar porque não mudar normas culturais baseadas no determinismo biológico que alimentam o racismo, mas também, segundo Laraia, construíram todo um sistema de divisão sexual do trabalho que ignora o facto de que “carregar 20 litros de água sobre a cabeça implica, na verdade, um esforço físico grande, muito maior do que o necessário para utilizar um arco e flecha” ou catana que são armas de uso exclusivo dos homens.

O ambiente gerado permite que o homem inferiorize e crie justificações morais para desumanizar a mu-

“O ser humano, o criador de todas as culturas, quando quis, alterou costumes e hábitos identitários para alcançar a melhor versão de si mesmo”



Fotografia: ©Ae Cupeçala

lher que por sua vez é desde cedo instruída a diminuir-se e a aceitar essa condição, sem contestação.

Apesar das provas científicas que refutam as argumentações produzidas pelo sistema patriarcal que colocam em causa as capacidades intelectuais e físicas da mulher, o mundo ainda vê e trata a mulher como sexo frágil e cidadã de segunda.

A cultura existe para servir o ser humano e sempre que quis e considerou necessário para si mesmo, o homem foi capaz de mudar a sua visão e incutir novos hábitos. Mas por que não muda os costumes que condicionam a mulher? ●

entrevista

CRISTÓVÃO MÁRIO KAJIBANGA

“O COSTUME NÃO PODE SUPERAR A CONSTITUIÇÃO”



Fotografia: ©Mosaiko

O professor universitário desconstrói as interpretações e ideias absolutistas de preservação de costumes nocivos e insconstitucionais.

Quando se fala de cultura em Angola, fala-se de quê?

A cultura é tudo o que o homem e mulher fazem. É verdade que temos tido problemas de compreensão, não há grande harmonia e isso mistura-se com a questão da instrução. Os que leram mais pensam que os outros não possuem cultura.

Institucionalmente existe uma lei cultural que promove e incentiva os indivíduos a praticarem a cultura, mas numa perspectiva de resgate. Tivemos a presença do povo português, cuja administração lutou para suplantar-nos e isso criou alas no nosso seio. Os que assimilaram a perspectiva portuguesa hoje, não podem dizer aos outros que não podem ter usos e costumes, mas ficam meio apertados,

entrevista

CRISTÓVÃO MÁRIO KAJIMANGA
PROFESSOR UNIVERSITÁRIO
E ACTIVISTA

não se harmonizam nem se incluem, acontecem coisas silenciosas, digamos assim...

O que acontece nesse silêncio é discriminador?

Vive-se a cultura com uma certa militância. Há pessoas que apuraram a intenção do Estado de fazer o resgate e há os que estão mais do lado da perspectiva portuguesa, ainda fecham os olhos e evitam as realizações dos outros, mas isso com o tempo poderá evoluir. Houve muito pouco tempo para redimir tudo isto, logo a seguir à independência tivemos guerra entre irmãos até 2002. A reconstrução e reconciliação que se apela, também incide sobre a cultura na perspectiva de aceitação do outro. A política também deve ter interferido ideologicamente, na nossa forma de estar e de ver as coisas.

Neste contexto, o resgate serve mais para manipular pessoas?

Não há culturas superiores, não há culturas atrasadas, as culturas são contextuais e em função das conquistas tecnológicas que as pessoas alcançam. A instrução também concorre para isso. Manipulação não sei bem, depende do ponto de vista de quem pergunta, de quem a realiza... Tenho percorrido várias comunidades e nunca vi isso, mas sente-se que cada um ainda está no seu “bunker”, é normal, a unidade nacional ainda é um projecto político, precisa ser social e para tal, o aspecto económico teria que ser efectivo em todas as regiões. A pobreza, mesmo entre os da mesma comunidade, cria barreiras. A integração poderá ser efectiva e sem nenhum atrito se tivermos um desenvolvimento económico equilibrado em todas as regiões.

Vive-se a cultura com uma certa militância”

As pessoas que evocam valores culturais, sabem efectivamente do que falam?

Há pessoas que têm essa forma de querer aparecer, falando de coisas que não dominam bem... A crítica, se existisse na profundidade, poderia desencorajar os curiosos. Porque as pessoas falam e depois não há quem contraponha, não há um artigo que leva, o indivíduo que se pronunciou inadequadamente sobre um determinado assunto, à razão, então as coisas vivem fluídas, legitimando o que não é legítimo.

Além dos críticos ausentes que outros podem fazer essa verificação?

Os estudiosos, porque o resto está à nossa disposição... A cultura tem esse formato de ser tudo o que o homem faz e as comunidades agem em função dos seus desígnios para alcançá-los. Lutamos para sobreviver, a guerra concentrou-nos nos centros urbanos que não têm respostas para toda a gente e o mal todo está aí. Olhamos para o urbano para caracterizar o povo quando a essência está nos recônditos, onde sem pejo e de forma desafogada, as pessoas vivem as suas vidas e dinamizam processos que concorrem para a sua honra e dignidade que os afirmam como leais preservadores e transmissores da sua cultura.

No meio urbano surgem interpretações que nada têm que ver com a essência?

Sim, mas tudo por desconhecimento e por vezes, por vergonha. A omissão da origem, esse sectarismo inconfesso faz com que se encontrem vivências diferentes, no meio urbano, onde as comunidades não são compactas, são ilhas... Esta forma de estar nas cidades confunde muito e cada um influencia o outro, muitos renegam e os conceitos sobre determinados aspectos sofrem mutações, mas também não é de admirar porque diz-se que a cultura evolui com as condições materiais. Há

entrevista

CRISTÓVÃO MÁRIO KAJIMANGA

PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

E ACTIVISTA

uma mutação que é característica das culturas que se renovam, se recriam no tempo...

Tal como o alambamento ser interpretado como acto de compra da noiva...

Estas questões podem ser reguladas, porque na verdade o alambamento não tem o sentido de compra, mas sim, um sentido simbólico de respeito e agradecimento pelo facto de a noiva ter sido gerada ou pelo amor que proporciona ou vai proporcionar ao noivo.

Este simbolismo mantém-se também pelo vínculo com os antepassados bantu e a crença de que os sentimentos estendem-se até aos mortos. As tradições podem ser mudadas, mas por uma proposta que parte do interior. Deve haver regulamentação porque está muito aberto e o poder judicial na reforma que faz tem que ter algo no Código de Família para equilibrar estas questões.

A lei Angolana é assimilada, não prevê rituais, mas a sua aplicação segue o costume patriarcal...

Eu creio que é uma questão de tempo. O vento não se trava com as mãos, há coisas óbvias...

Como também é óbvia a forma como as mulheres são mais julgadas pelo costume do que pela lei?

Não pode haver dualidade, o costume não pode superar aquilo que está na Constituição. Temos que recorrer à denúncia. As mulheres devem continuar nessa luta, os homens também devem auxiliar e as famílias devem ser convocadas. Mas deve haver instrução, porque há aqueles que ainda pensam que são tradicionais no sentido de preservação e que não devem ter instrução, mas o lema é ser culto para ser livre.

Temos que investir nessa perspectiva da mulher ir mais à escola, que os filhos do meio rural e urbano tenham instrução e sensibilizem as suas famílias para que, de facto, a mulher possa ser libertada,

O que diz da preservação de costumes que subjagam a mulher?

A lei cultural não aprova, estas práticas são nefastas à dignidade humana, penso que é a denúncia que vai possibilitar que se estabeleça determinada harmonia.

A mulher no continente africano é tida como o centro do mundo, apesar de todas estas coisas que acontecem. Até hoje se ouve que os filhos são da mulher, isto é um poder, daí ao equilíbrio...

Quando as pessoas se uniam entre si, os conflitos eram poucos, mas quando isso deixou de acontecer, os problemas aumentaram. As famílias discriminam-se, não se aceitam e depois chegou o ocidente com a questão do casamento monogâmico e, hoje, temos dualidades, problemas na herança, no casamento, a criança que após o primeiro ciclo menstrual é-lhe arranjado um pretendente. As famílias têm que analisar essas coisas, com base na informação a que vai tendo acesso e nas evidências que esses procedimentos indicam. Uma menina que não tem a zona pélvica desenvolvida tem problemas no primeiro parto.



Como convencer as famílias se são elas que mantém este costume até hoje?

O Estado estabelece as balizas, as famílias concorrem para que essas balizas se afirmem, isso requer que exista uma certa negação radical de procedimentos anteriores e a questão económica poderia concorrer para isso. As mulheres que economicamente são independentes, não se submetem a determinadas chantagens emocionais e também a pressões de família.

Há muito mais resistência em mudar tradições que implicam questões de género...

A cultura responde àquilo que o contexto dá. A nossa aspiração é que tenhamos mudança. Às vezes fazemos uma má interpretação de tradição, a tradição é o que se repete de forma contextual. Para mim, a instrução é o caminho que poderá ajudar-nos a equilibrar tudo o que hoje consideramos descabido. A instrução concorre para uma abertura de mente, a pessoa passa a ter capacidade de comunicação, torna-se fluente, desinibida e mais harmoniosa.

Se a tradição não fosse exclusivamente criada e articulada pelo homem, as coisas seriam diferentes?

Penso que sim, tendo em conta a perspectiva da maternidade e manutenção da vida, provavelmente teríamos um certo equilíbrio. Eu cresci em liberdade, tenho oito filhos, seis são mulheres. Nunca proibi nenhuma filha de andar como quisesse, cresceram em liberdade. Devemos conceder o benefício da dúvida para que as mulheres possam agir e poderemos ver como as coisas poderiam ser.

CRISTÓVÃO MÁRIO KAJIBANGA nasceu em 1963, no Luena, Moçico, é de origem tchokwé e vive há mais de 30 anos em Benguela. Aos 12 anos foi soldado administrativo, em 1978 entrou na JMPLA, licenciou-se em Ciências de Educação e História pela Universidade Agostinho Neto e começou a fazer política cultural em 1986.

Em 1995 começou a trabalhar na ADRA, fundou a Escola de Formação de Professores do Ndombe Grande e do KAT. Em 2010, assumiu o cargo de director provincial da Cultura de Benguela. É professor universitário e activista cultural e desenvolve pesquisas sobre artes tradicionais angolanas, com foco na dança e música.



Mais equilibradas?

Não tenho dúvidas. Tendo em conta que o homem também tem que aprender e reter alguma lição no caminho que trilha. E já vi, ao trabalhar durante 13 anos em desenvolvimento comunitário, que a questão económica pode ajudar a superar determinadas coisas. A história diz que a mulher perdeu o cetro pelo facto de ter existido a guerra e a figura da herança ou do herdeiro ter aparecido... Hoje temos uma estabilidade aparente no mundo, a mulher poderia ser a guardiã das nossas conquistas e perspectivas de vida, tendo em conta a importância que tem no desenvolvimento. ●

Texto: Mandele Rocha

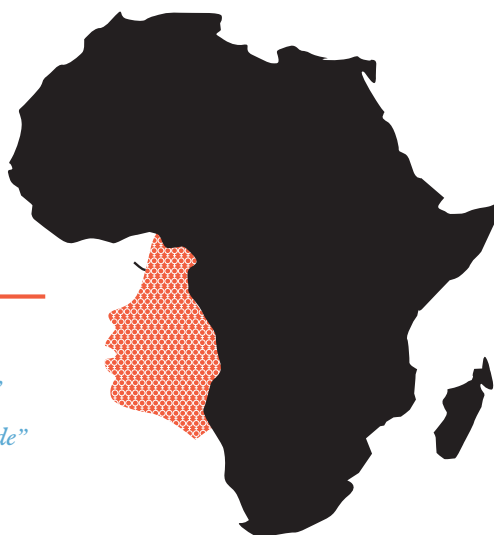
reflectindo

SER MULHER, SER AFRICANO



SER MULHER

- “As mulheres que lutem mais”
- “Elas têm que mostrar vontade”
- “As mulheres não têm capacidade”
- “Elas não querem mudar, até gostam assim”
- “Elas só querem o dinheiro do homem”
- “Elas gostam é de viver à custa do marido”
- “As mulheres têm os mesmos direitos e oportunidades que os homens”



SER AFRICANO

- “Os africanos que lutem mais”
- “Os africanos têm que mostrar vontade”
- “Os africanos não têm capacidade”
- “Os africanos não querem mudar, até gostam assim”
- “Os africanos vivem de mão estendida”
- “Os africanos gostam é de viver à custa dos apoios internacionais”
- “Os africanos têm os mesmos direitos e oportunidades que os ocidentais”



Fotografia: ©/www.angolaconsulateny.org

O que a mulher poderia ser e não é? O que África poderia ser e não é? Como seria Angola se a mulher fosse realmente potenciada? Como seria o mundo se África fosse realmente uma grande potência?...

A analogia é inusitada, mas coloca homens e mulheres no mesmo nível de impotência, alvo do mesmo paternalismo, tratados de forma desigual...

Os estereótipos resultam de uma visão preconceituosa, alheada do que realmente são as pessoas ou os grupos estereotipados. Esta estratégia de dominação pressupõe fabricar uma ideia de mulher ou de africano, diminuída e incapaz que condiciona a forma de ser e pensar dos próprios e de todos.

E é sem dúvida um poder aparentemente discricionário, exercido através da psique. Desacreditar este processo alegando que quem se deixa dominar desta forma é, de facto fraco, é o prolongamento dessa dominação para descredibilizar a vítima.

Os que seguem determinada cultura de forma cega, não questionam as intenções, primeiro porque não são o alvo, discriminados ou as vítimas dessa cultura. Segundo, não mudar uma cultura que se pode usar convenientemente para restringir e controlar o outro(a), dá poder.

Dizer a um africano que pare de andar de mão estendida ou então que deixe de roubar o seu próprio povo é moral. No entanto, perde força se esquecerem as razões que obrigaram todo um continen-

te a vergar-se ou se omitir que o governante se rouba não o faz sozinho, tem toda uma rede global de desvio de dinheiro que facilita e legitima esse roubo.

Não se pode escamotear o poder da cultura e como é capaz de aprisionar. Os Africanos viveram mais ou menos em paz até às Cruzadas, as mulheres eram muito mais livres até ser instituído o conceito de propriedade e herança.

A extensão do poder da cultura mede-se pelo ambiente de hostilização e submissão que perpetua. Com evidências óbvias em todo o mundo, o extremismo dita a expulsão ou a agressão gratuita motivada pela xenofobia, machismo, misoginia e racismo. Não se tratam de meras impressões. As estruturas de pensamento que fundamentam sistemas funcionais de sociedades estão assentes na desigualdade e discriminação.

Com mais ou menos subtileza, mas bem-sucedido nas construções e narrativas que determinam, por exemplo, como África é vista pelo mundo; como se vêem os Africanos, comparativamente aos outros; como o homem vê a mulher; e como a mulher se vê quando se compara com o homem. ●

Texto: *Mandele Rocha*

notícias

Novas narrativas

O género pensado, falado e ouvido em palco, foi o desafio assumido, em Março, por oito finalistas do Concurso de Spoken Word “É de Género”, organizado pelo Mosaiko|Instituto para a Cidadania e FEC – Fundação Fé e Cooperação, com o apoio da União Europeia e do Centro Camões em Luanda.



“Eu não queria que tu nasceste mulher, filha... Para não seres como minhas primas que têm suportado todo o tipo de violência em silêncio, com medo de serem condenadas por uma tradição que as anula como ser mulher e as entrega ao casamento para pertencerem a outras pessoas que se intitulam seus domadores, senhores de seus destinos, donos de suas vidas, seus amores...”

– Fernando Carlos

“Não há justiça quando a justiça tem preguiça,
Quando o patriarcado a injusta atica;
Quando a pobre empobrecida é obrigada a viver submissa,
Quando um ser feminino não pode celebrar a missa.”

– João Kunga

“O real movimento de libertação não tem cor, assim como o verdadeiro movimento para a igualdade de direitos, não tem género. Ninguém devia ser julgado ou taxado por ter nascido com mais nem menos. Privilégios ou privações”

– Fernando Kahombo

“Sempre foi sobre equilíbrio
Não era afronta, eu não queria ser tu
Queria que pudéssemos andar juntos para fazer o mundo um lugar melhor
Era sobre caminhar juntos e fazer do mundo um lugar melhor
Pela igualdade e equidade de género”

– Olívia Gomes

“Não temos espaço de margem, a educação é maquiavélica em forma de boa mensagem, os manuais de etiqueta insistem em ensinar ‘mulher é aquela que sabe o seu devido lugar’. A violência em forma de obediência é experimentada, a justiça imparcial muda, para não falar nada, as nossas vozes a cada dia silenciadas.”

– Lua

“Mulher, mulher, mulher, vamos traduzir até que todos possam entender
Que frágil não é o género,
Mas as mentes que não conseguem ver
Que mulher é igual a poder!”

– LN

“O mundo não precisa de fracos e fortes,
Precisa de seres humanos que não usam da vantagem física para oprimir e apontar culpados que não precisam disso para trabalhar, cuidar, amar, prosperar e gerar vida.”

– Ndakota Wulu

“Será que dentro de uma mulher
Não corre o mesmo sangue nas veias
Não corre vida nas artérias
Sentimentos
Medos
Sonhos
Não merece gozar dos privilégios de um ser social?”

– Lúcia Gerfu

Construindo
Cidadania

Rádio Ecclesia | 97.5 FM
ZAP | Canal 504

Sábado
às 08H30

